



Práticas amorosas e normas socioculturais nas famílias de camadas abastadas de Sergipe (1890-1895)

JOELMA DIAS MATIAS*

Introdução

Esta pesquisa tem como objetivo apresentar as práticas amorosas em Sergipe no século XIX a partir da análise da obra *Luz na tormenta* (1948), especificamente entre os anos de 1890 a 1894, período em que o casal Emilia e Joaquim Fontes trocou as cartas de amor publicadas naquela obra.

Pretende-se, também, destacar as regras socioculturais que controlavam essas práticas em Sergipe no século XIX, além de examinar as impressões construídas pela sociedade sergipana oitocentista acerca das normas que as regulamentavam. Por fim, através da observação da experiência de Emilia, perceberemos quais foram os posicionamentos das mulheres sergipanas diante das normas que orientavam as práticas amorosas.

A obra *Luz na tormenta* constitui importante fonte de estudo para a compreensão do cotidiano da sociedade sergipana do século XIX, sobretudo no que diz respeito à forma como os casais se comportavam amorosamente nesse período.

Nesse sentido, associamos as nossas reflexões às teorias de Bourdieu (2002), Certeau (1994), Elias (2005) e Pais (2007) sobre a concepção de cotidiano. Esses autores admitem a possibilidade de que as rupturas não colocam em risco a cotidianidade. Dessa forma, o cotidiano seria marcado pela coexistência da normatividade e da contingência, por uma espécie de equilíbrio instável da ordem.

Ao sugerir uma distinção entre *estratégias* e *táticas*, Certeau adotou uma postura heterodoxa. O cotidiano para ele não se define pelas regularidades sociais, ainda que possa ser formado por recorrências. O cotidiano para Certeau são *procedimentos*. Esse autor aproxima seu conceito de cotidiano à noção de jogo. As ações são proporcionais às situações vividas. Trata-se de um jogo articulado de práticas de dois tipos: as *estratégias* e as *táticas*. “Com essa dupla de conceitos, Certeau rompeu com a definição de cotidiano como rotinização para dar lugar à ideia de cotidiano como *movimento*.” (LEITE, 2010, grifos nossos).

Dessa forma, Certeau chamou tática “[...] a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de

* Universidade Federal de Sergipe. Mestra em História.

autonomia. A tática não tem por lugar senão o do outro.” E por isso “deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha.” (CERTEAU, 1994: 100).

A tática é caracterizada pela ausência de poder, é a “arte do fraco”, por isso ela opera golpe por golpe, lance por lance: a tática “tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia.” (CERTEAU, 1994: 124-125).

Já a estratégia é entendida como cálculo (ou manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. Dessa forma, a estratégia é uma prática que “postula um *lugar* suscetível de ser circunscrito como *algo próprio* e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças, um lugar do poder e do querer próprios.” (CERTEAU, 1994: 99, grifos do autor).

Como teremos a ocasião de observar nos tópicos posteriores dessa pesquisa, Emília, por conhecer as normas sociais que dominavam as práticas amorosas do século XIX, sobretudo a forte interferência do pai na escolha do cônjuge (resquícios do patriarcalismo), além do temor relacionado aos estigmas sociais empregados às mulheres que não obedeciam às regras de casamento da época, teve condições de, astuciosamente, manipulá-las e controlá-las, utilizando-as a seu favor, batalhando pelo sucesso da sua união com Joaquim.

Emilia e Joaquim: práticas amorosas e normas patriarcais do século XIX

“Quando souberes que um moço inteligente e com nobreza de alma me deseja para esposa, fica certo de que eu aceitarei”. Foi com essa afirmativa que Emilia, conversando com Lúcio, criado de sua casa, definiu o seu destino. Espantado com a decisão de sua patroa, Lúcio indagou: “Mas a senhora quer mesmo se casar?”. E logo lhe contou sobre uma carta que recebera de um admirador de Emilia. Esse admirador era o estudante de Direito, Joaquim Martins Fontes da Silva, de 24 anos.

A carta de Joaquim estava sob posse do copeiro Lúcio há dez dias, pois, com receio de que Emilia se zangasse com ele ao entregar-lhe uma carta de um homem desconhecido, não a revelou antes. Lúcio tomou todos os cuidados para que ninguém soubesse da carta e falou à Emilia que a guardara bem dentro da capa de seu livro para que ninguém desconfiasse.

Sentindo um misto de curiosidade e esperança, Emilia teve vontade de ler a carta e conhecer o bacharel. Enquanto aguardava o momento de ter em suas mãos a referida missiva, questionava-se: “Como seria ela? Agradá-la-ia? Ou iria aborrecê-la como algumas que já lhe haviam chegado às mãos?” (FONTES, 1948: 12). Interrogando-se a todo o tempo, Emilia tinha a esperança de que a carta recebida pudesse alegrar seu coração que vivia tão triste, tão fechado, tão esquivo e, ao mesmo tempo, era tão exigente.

Assim, ao ler a primeira carta de Joaquim Fontes, datada do dia 10 de maio de 1890, onde ele revelava o seu amor e a intenção de casar-se com ela, Emília, cheia da mais viva emoção, leu e releu a carta por várias vezes achando-a belíssima e admirável. No entanto, não achou conveniente que uma mulher solteira como ela se comprometesse com situações difíceis, correspondendo-se com um homem que ela não conhecia, pois bom comportamento perante a família e a sociedade era imprescindível para qualquer mulher do século XIX.

Apesar da felicidade que sentiu ao receber a carta de um pretendente, Emilia decidiu que, inicialmente, não responderia as missivas enviadas por Joaquim, pois sabia que seu pai não aceitaria o seu contato com um homem desconhecido. Desse modo, era costume no século XIX as mulheres da elite não escolherem seus futuros maridos, uma vez que essa escolha poderia incorporar pessoas de fora dos limites sociais em que estavam inseridas e, assim, acabavam aceitando o pretendente imposto pelos pais¹. Nesse sentido, o sistema patriarcalista se fazia presente nas vidas das mulheres, como um dispositivo que controlava as suas práticas amorosas.

Com receio de que a carta recebida fosse extraviada e, em decorrência disso, o seu nome fosse maculado, Emília arquitetou um estratagema: solicitou que Lúcio admitisse para Joaquim, mesmo sem ter cometido tal ato, que havia queimado a carta e, por isso, ela não tinha sido entregue a Emilia (FONTES, 1948: 20). Lúcio logo obedeceu à ordem de D. Edylinha² e pediu para que ela ficasse sossegada, pois faria tudo conforme havia ensinado a ele.

Emilia tinha receio de que a carta fosse desviada, caso isso acontecesse poderia ocorrer “coisas desagradáveis que pudessem comprometer seu nome que ela tanto zelava.”

¹ Inquestionavelmente, em alguns casos não havia liberdade para escolher com o coração e os destinos das meninas continuavam sendo socialmente traçados pelas famílias. Tão logo a garota fazia corpo de mulher, os pais já planejavam suas bodas com o filho de algum parente, compadre ou político de grande reputação (DEL PRIORE, 2012: 143).

² Pseudônimo que Emilia usou para assinar as cartas que endereçava a Joaquim.

(FONTES, 1948: 20). A atitude de Emilia acerca da carta de Joaquim, evitando, inicialmente, respondê-la, foi influenciada pelos padrões sociais do período, que estabeleciam ser de bom tom para as mulheres de boa família zelar pelo seu nome e moral, evitando a exposição de seus sentimentos amorosos à revelia do consentimento dos seus pais.

Joaquim não acreditou na história contada por Lúcio, de que a carta havia sido queimada, e resolveu escrever novamente para Emilia procurando outro portador para entregar uma nova correspondência. Anexo à segunda carta, Joaquim enviou um poema de amor com o propósito de abrandar o coração de sua amada.

Radiante de alegria, Emilia leu a segunda carta e, correndo, foi à janela para ver passar em frente a sua casa, pela primeira vez, o homem que seria seu futuro marido. Ela confessou que agora “O seu coração, de quase 18 anos, foi despertado por outro, de um poeta mavioso, que já a amava em segredo e a quem plenamente correspondia.” (FONTES, 1948: 38).

No entanto, ainda que Emilia tenha se enchido de alegrias por ter recebido uma carta de amor de um rapaz por quem sentiu algum afeto, ela continuou relutando em responder as cartas de Joaquim. Dessa forma, após enviar cinco cartas à Emilia, o missivista apaixonado, Joaquim, indignava-se com o comportamento padronizado de Emília, denunciando a recusa dela em corresponder-se com ele via cartas.

A Senhora teme-se de tudo; arreceia-se de receber uma carta minha quando daqui distante, porque zela muito pelo seu nome, e a minha carta pode ser extraviada. E, não, porque se a Senhora tem um nome a zelar, não pode ser tão egoísta, a ponto de supor que o meu não careça de zelo. (FONTES, 1948: 21, grifos do autor).

Assim, ao receber a quinta carta de Joaquim e anexadas a ela diversas poesias apaixonadas em sua homenagem, Emilia rendeu-se diante dos versos e afirmou que “jamais poderia imaginar que fosse merecedora de tanta coisa linda! que lhe enchesse de enlevo o coração que ainda não havia se inclinado por ninguém.” (FONTES, 1948: 38).

Após a leitura da carta e dos versos dedicados a ela, Emilia, enfim, enviou a Joaquim a tão esperada resposta. Empolgada pela força que as poesias lhe deram e ao mesmo tempo apreensiva Emília justificou a sua decisão de corresponder-se com Joaquim:

Jamais em minha vida, deveria dar semelhante passo; mas hoje, levada por um sentimento que não sei explicar, e, confiada nas reiteradas provas de sinceridade que tive a ventura de merecer, é que me arrisco a praticar êste ato de insensatez que muito desconceitua, segundo a minha maneira de pensar. Apreensiva fico a

ponderar no resultado de um extravio qualquer, porquanto já sabe sou zelosa do meu nome... (FONTES, 1948: 38).

Nesse sentido, apesar de ter assumido o risco de manter correspondências de teor amoroso com Joaquim, Emília não se permitiu avançar em seu relacionamento – arriscando-se, por exemplo, a encontrar pessoalmente o seu pretendente. Sobre isso, tanto Emília como Joaquim lamentavam a distância que precisavam manter um do outro. Mas, Joaquim pouco se conformava com essa situação e, por diversas vezes, em suas cartas, contestava:

Acha pouco o desejo que tenho de vê-la de perto, de conversar, de mostrar-me qual sou? Não basta o saber que vivo com Tântalo da legenda, querendo-lhe mais que a tudo, mas sem poder, ao menos, lhe apertar a mão? Não é bastante o acanhamento enorme que me comprime a alma, ao passar quatro ou cinco vezes por sua casa, para vê-la, como um meteoro, um relâmpago, na carreira em que passo? Tudo isso é pouco? (FONTES, 1948: 21-22).

Ao mesmo tempo em que se resignava com a distância que deveria manter de Emília e com o fato de nunca ter trocado nenhuma só palavra com ela, Joaquim tentava amenizar a situação justificando que não só o contato e a convivência geravam o amor, mas as expressões no rosto podiam revelar o que o coração sentia. E assim, buscava contentar-se com o namoro à distância e, as vezes que conseguia ver Emília de longe, debruçada sobre a janela, percebia através do seu semblante, o quanto ela já o amava.

Sendo Pedro Amâncio, pai de Emília, um homem de gênio forte, sabia ela que enfrentaria grande desafio ao tentar convencê-lo a aceitar seu relacionamento com Joaquim. Nas conversas preliminares entre o casal a respeito do noivado dos dois, Emília pediu a Joaquim que, por ora, não falasse ao pai da sua intenção em namorá-la, pois precisaria cercar-se de todos os cuidados para não contrariá-lo.

O motivo alegado por Emília para não desagradar o pai, devia-se ao fato de ele ter uma saúde precária e viver adoentado, fazendo com que ela se curvasse a muitos de seus caprichos e injustiças que, segundo ela, desde mocinha já sofria.

Sobre o apoio de seu pai ao seu relacionamento com Joaquim, Emília já adiantava que não seria tarefa fácil. Devido ao gênio impetuoso e indomável de Pedro Amâncio, além de sua saúde precária, Emília alertou que não contrariaria as vontades do seu pai:

Sofro demais em pensar na minha situação, caso meu Pai se oponha ao nosso enlace, porque, permita que lhe diga, não nasci para heroísmos de insensatez!...

Perdoe-me esta franqueza: mas se faz mister que o Sr. conheça as minhas idéias e sentimentos e que partilhe deles (FONTES, 1948: 41).

Se ele se opuser, devo dizer-lhe que não farei asneiras, porque tenho vergonha de certas coisas, para as quais não nasci. (FONTES, 1948: 86).

Frequentemente Emilia reportava-se à importância de manter o respeito em relação aos posicionamentos do seu pai acerca de sua vida amorosa. Para ela, a opinião dele era parte importante a ser ouvida com muito respeito e admitia que “inúmeras vezes, se submeteu à vontade do Pai, cujas decisões sempre acatou.” (FONTES, 1948: 40). Nesse sentido, Emilia ainda solicitou a Joaquim precauções ao tratar sobre o assunto de casamento com seu pai, pois não desejava que ele se decepcionasse com ela.

Nesse particular, entendemos como Peter Gay (1988: 131), que a predominância de sentimentos de respeito e obediência que as mulheres dos oitocentos nutriam em relação ao patriarca, mantinham-nas, num plano ideal, na condição de um bem, elemento submisso e passivo na instituição familiar. Durante boa parte do século XIX, e em todo o mundo ocidental, as mulheres permaneceram virtualmente na condição de propriedade de seus pais e, depois, de seus maridos. O duplo padrão, definido e defendido pelos homens, vigorou quase sem oposição alguma.

Inicialmente, Emilia afirmava constantemente que, caso seu pai resistisse ao relacionamento dos dois, ela não cometeria nenhum desvio de sua conduta, pois assegurava que lhe faltava coragem para certos atos que, a seu ver, eram insensatos e escandalosos.

Joaquim não aceitou o posicionamento de Emilia acerca da obediência exagerada a seu pai e rotulou Pedro Amâncio como um homem egoísta e déspota. Por sua vez, Emilia justificou a sua posição de filha submissa, relatando os condicionantes que faziam com que ela excedesse o respeito pelo pai. Nesse sentido, ela rechaçou, mais uma vez, a ideia de praticar certos atos que iriam de encontro aos seus valores morais:

E porque não hei de respeitá-lo? Não é ele o meu Pai, o autor dos meus dias? Não lhe devo ser submissa por mais injusto que ele seja comigo? Tenho me humilhado sempre aos seus caprichos, mas negar minha palavra por cobardia? Nunca! Continuamente tenho dito ao Sr. Que o meu temperamento não se coaduna com certas coisas...(FONTES, 1948: 97).

Diante da incisiva confirmação de Emilia acerca do respeito e da obediência que ela nutria pelo pai, Joaquim não se conformou e rebateu a sua justificativa e a postura de Pedro Amâncio a respeito do controle que exercia sobre a própria filha:

[...] se submete absolutamente à vontade de seu Pai. Mas, perdão! Isso nunca foi amor. Em matéria de sentimento, não há submissões... Os pais não tem o direito de negociar com o coração dos filhos. Nunca se dá o coração de uma moça com a mesma facilidade com que se vende uma garrafa de remédio (FONTES, 1948: 99). Com quem pretende seu Pai casá-la? Quererá guardá-la para freira? Ou pretende fazê-la solteirona? Reaja, e conte comigo em absoluto. (FONTES, 1948: 99-100).

No trecho citado acima, além de criticar a subordinação de Emilia ao pai, comportamento que ela sempre fez questão de demonstrar, Joaquim, possivelmente, criticou a ideia de uma prática comum no século XIX: a de que os pais escolhiam e comerciavam os maridos para as filhas. Nesse sentido, Joaquim vislumbrou a possibilidade de que Pedro Amâncio negociaria a escolha de um marido para Emilia, quando mencionou que os pais não tem o direito de negociar e nem vender o coração dos filhos (FONTES, 1948).

Joaquim continuou adotando uma postura crítica acerca da ideia de submissão da mulher aos padrões sociais da época, que criavam obstáculos às suas pretensões de se casar com Emilia. Os seus posicionamentos críticos acerca das normas sociais do período estão inscritos em expressões utilizadas por ele para descrever a situação social da mulher naquele contexto, tais como: “velhos conceitos sociais”, “vontade autocrática” do pai, “prejuízos sociais que agrilhoam o espírito.”

Diante da postura de Emilia de não aceitar cometer atos desvairados, como uma possível fuga ou rapto³, e de não pretender contrariar a vontade de seu pai, Joaquim afirmou, em outra carta, ter planejado seu casamento com Emilia, atitude pensada em meio ao desespero e aos obstáculos enfrentados desde o início do seu relacionamento com Emilia: “Tenho concebido planos, porque, mesmo contra a vontade de seu Pai, pode dar-se o nosso casamento, sem o menor escândalo para nós e para a sociedade.” (FONTES, 1948: 99).

A resposta de Emília à proposta de casamento de Joaquim foi negativa, isso indica o traço de subserviência que até então ainda pairava sobre a sua consciência, orientada para o cumprimento das regras de bom comportamento social da época. Dessa forma, até esse momento, Emília esforçava-se para não adotar nenhum tipo de conduta que a condenasse

³ Quando o namoro não era o desejado pelos pais, acabava resultando, muitas vezes, em fugas ou raptos. No Nordeste, o rapto era uma maneira que a moça arranjava para se casar com o pretendente escolhido por ela. (SANTANA, 2008: 48).

perante a família e a sociedade, reafirmando que não nasceu “para atos aviltantes, que pudessem servir de maus exemplos.” (FONTES, 1948: 103), ou garantindo que não cometeria loucuras, preferindo morrer a se prestar a uma fuga.

Nessa perspectiva, as normas sociais vigentes no século XIX acerca das práticas amorosas, condenavam as mulheres que fugiam de casa, eram raptadas ou se deixavam raptar. Dentre as sanções que as mulheres poderiam sofrer ao cometerem aqueles atos, estava a reprovação de toda a sociedade. As mulheres que usavam o rapto ou a fuga como um método para casar-se com o par escolhido por elas, além de manchar a honra de toda a família, ainda poderiam ser vistas e apontadas pela sociedade como amantes do raptor, ou até mesmo como prostitutas. Esses seriam estigmas que elas carregariam pelo resto de suas vidas.

Resolver a situação de seu casamento com Joaquim por meios lícitos era o propósito de Emilia, que não admitia manchar a sua reputação. O julgamento da sociedade era um dos motivos pelos quais ela se resguardara de empreender esforços que a condenassem como um mau exemplo de mulher.

Emilia também afirmava que seus princípios a impediam de dar esperanças a Joaquim de uma possível fuga, e apelava para os céus, pedindo a Deus para abrandar o coração duro de seu pai e encorajá-la a mudar seu pensamento. Desse modo, ela relatou a sua angústia em uma das cartas enviadas ao seu noivo:

Lançarei mão de todos os meios honestos, a fim de que ninguém, em tempo algum, amesquinhe os meus brios de mulher; a fim de que a sociedade, os meus, os seus, não me condenem e nunca apontem como um exemplo mau. [...]; mas, como tenho horror a fugas, e não sei se, na ocasião, terei forças para vencer os meus escrúpulos, por isso, não lhe dou esperanças, pois que, na ocasião podem fracassar e serem maiores os seus e os meus sofrimentos. Tenhamos, porém, confiança em Deus, e em sua Mãe Santíssima que poderão intervir, abrandando o coração de meu Pai, ou então, fazendo-me mudar de modo de pensar, acabando com estes escrúpulos, que tanto apoquentam [...]. (FONTES, 1948: 154).

Ciente da posição de Emilia acerca da ideia do casamento por meios ilícitos, Joaquim, com o intuito de convencer sua noiva de que o casamento só poderia ocorrer mediante uma fuga, demonstrou a opinião de alguns amigos em relação ao seu matrimônio com ela: “Muitas são as pessoas (pois toda a gente já sabe) que me tem falado no procedimento de seu Pai. Todas elas, achando-o injusto e insensato, dividem-se em dois grupos: um, aconselha-me que a rapte; outro, que a esqueça, porque não devo humilhar-me.” (FONTES, 1948: 161).

Num trecho de uma carta enviada à Emilia, Joaquim indicou que as pessoas continuavam a opinar sobre a relação amorosa dos dois: “Pessoas de critério disseram-me hoje, que eu deveria casar-me o mais breve possível, ainda que seja por meios extremos, sem o que não se realizará nunca o nosso casamento. Estou inclinado a crer nisto.” (FONTES, 1948: 217).

Mesmo estando infeliz com o estado das coisas, Emilia afirmou a Joaquim que não se prestaria a um rapto sem antes lutar de todas as formas possíveis, “abalando céus e terras” (FONTES, 1948: 142) para conseguir o que tanto desejava: que seu pai cedesse ao pedido de casamento de Joaquim. Além dos preceitos morais da época, que Emilia buscava seguir à risca, ela admitia que lhe faltava coragem para deixar-se raptar. O que poderia ser para outras mulheres coisa fácil, para ela era repugnante, pois cometer uma fuga contrariava o seu modo de pensar, fruto de uma educação ordenada pelos valores patriarcais.

Joaquim, apesar de respeitar, em partes, as posturas de sua noiva, era um crítico severo dos costumes de sua época. Para ele, a sociedade apática e risível em que viviam não tinha qualquer importância para sua vida e aconselhava Emilia a reagir contra seus escrúpulos que tanto sacrificava o futuro dos dois.

Dessa forma, Joaquim acreditava que a falta de coragem e a vergonha de se expor à opinião da sociedade seriam os principais motivos que levavam Emília a não adotar posturas radicais, observadas como rupturas com as regras que orientavam as práticas amorosas da época. Dessa forma, Emilia admitia:

E confesso-lhe que me sinto sem coragem para isso. Se não tivesse tanta vergonha de expor-me aos maus juízos de pessoas que, não estando ao par de minha vida me suporiam u'a moça tresloucada, de reputação duvidosa, naquela ocasião, num excesso de revolta de tanta injustiça, em presença de todos teria abandonado esta casa.(FONTES, 1948: 255).

Passados um ano de troca de correspondências entre Emilia e Joaquim, Pedro Amâncio, pai de Emilia, continuava resistindo a aceitar o relacionamento amoroso de sua filha. Além disso, ele ainda recusou o pedido de casamento de Joaquim à Emilia, feito por intermédio de Amadeu, irmão de Emilia. Essa notícia deixou o casal desolado.

Para aumentar a angústia do casal, Pedro Amâncio ainda escreveu para Joaquim desfazendo o compromisso de noivado que o casal já havia firmado sem o seu consentimento. A atitude tomada por ele, sem o conhecimento de Emilia, deixou-a consternada e ela não

esperou para desabafar a sua tristeza com Joaquim: “Há muito não choro como hoje, pois soube, com grande desgosto, que meu Pai lhe escreveu, desfazendo o nosso compromisso. Ele me fez esta injustiça, sem me ouvir.” (FONTES, 1948: 146).

Inicialmente, Pedro Amâncio usou como justificativa para a sua rejeição ao relacionamento de Emilia com Joaquim o fato da saúde frágil de sua filha, visto que, vez por outra, ela era acometida por sérios abalos de saúde.

Diante desse argumento do pai Emilia, ela confessou que, realmente, tinha uma saúde muito delicada. No entanto, esse motivo não foi suficiente para convencê-la a desistir do casamento com Joaquim: “Se os meus sofrimentos físicos são sérios, por que não me submeteram a um tratamento rigoroso? Por que não chamam um médico para examinar-me, assistindo-me e curar-me?” (FONTES, 1948: 163).

Nesse sentido, diante de toda a vigilância exercida por Pedro Amâncio sobre as pretensões amorosas de Emilia, visando enquadrá-la num rígido sistema de comportamentos socialmente aprovados, ela sentia-se injustiçada, infeliz, amaldiçoada, vítima de uma entediante rotina que a impedia de alcançar seus objetivos pessoais, como o de contrair núpcias com o seu amado Joaquim.

Porém, mesmo tendo os seus planos de casamento frustrados pelo seu pai, Emilia ainda tentava amenizar a sua situação, alegando que Pedro Amâncio padecia de graves problemas mentais e por isso devia perdôá-lo, pedindo que Joaquim fizesse o mesmo.

“Agora estou resolvida a me casar”: oposição e desafio às regras amorosas

Apesar de as relações amorosas estarem passando por um processo de mudança desde o início do século XIX, para as famílias abastadas do Brasil o casamento religioso ainda era idealizado como uma prática social e moral, um compromisso muito sério e para a vida toda. Uma decisão que não podia ser tomada apenas pelo futuro casal. Essa percepção era usada como justificativa para a interferência dos pais, sobretudo os da noiva, na escolha e do futuro cônjuge. Um drama que se repetia inúmeras vezes em diversas famílias como nos mostra Perrot:

a aliança e o desejo nem sempre concordam entre si. O drama das famílias e a tragédia dos casais frequentemente residem nesses conflitos entre as alianças e o

desejo. Quanto mais cerradas as estratégias matrimoniais para assegurar a coesão familiar, tanto mais sufocam o desejo. Quanto mais forte o individualismo, tanto mais ele insurge contra as escolhas [...] os casamentos decididos ou arranjados. (PERROT, 1991: 135).

Nesse sentido, na contramão dos princípios morais que norteavam, até então, as relações amorosas, Emilia passou a transmitir, em seus discursos epistolares, alguns indícios de oposição e desafio às normas sociais estabelecidas, expressas pelas posturas do pai, que não aceitava de nenhuma forma o casamento dela com Joaquim.

No trecho da quinta carta enviada a noivo, datada de 09 de março de 1891, Emilia nos indicou que, apesar de seguir alguns preceitos morais de sua época, ela mantinha, desde a infância, uma postura contrária acerca da escolha do seu futuro marido pelos familiares, como era característico da sociedade patriarcalista.

Nessa carta, ela afirmou que tinha verdadeiro horror ao que queriam submetê-la, referindo-se a insistência de sua mãe em realizar o casamento dela, precocemente, com o Dr. Josué Júlio de Campos, homem de posses e de boa posição social, farmacêutico e médico. Segundo Emilia: “Naquele tempo, só gostava de brincar com suas bonecas e não se acomodava quando alguém intentava incutir-lhe esta história de casamento.” (FONTES, 1948: 84-85).

Emilia também passou a rejeitar os pretendentes que seu pai lhe apresentava. Em certo trecho de uma de suas cartas, ela confessou que, quando adolescente, recebia com frequência diversos poemas de um candidato a noivo, fato que a deixava bastante aborrecida, pois o homem não passava de um sexagenário. Nessa ocasião, Emilia tinha apenas 16 anos e achava um disparate ser cortejada por um homem muito mais velho do que ela e que, além de tudo, ainda tinha idade para ser seu pai.

Numa época em que as escolhas dos maridos, geralmente, eram feitas pelos pais, a idade do pretendente não era levada em conta na hora de se firmar um compromisso com fins matrimoniais. Nesse sentido, o pensamento de Emilia, a respeito da diferença de idade entre ela e seu pretendente, bem como a sua rejeição em aceitar um homem mais velho como seu noivo, antecipavam uma mudança de postura diante das normas sociais que regulavam os relacionamentos amorosos no século XIX.

Desse modo, muitas vezes incentivada por Joaquim, Emilia teceu alguns artifícios no intuito de desafiar os padrões de relacionamentos amorosos socialmente estabelecidos. Ela

solicitou ajuda dos irmãos e amigos para convencer o pai a aceitar o seu relacionamento com Joaquim, desprezando os possíveis posicionamentos de reprovação da sociedade aracajuana perante essas suas novas posturas. Manteve o seu noivado durante cinco anos, sem levar em conta a condição social pouco destacada de Joaquim, aventou a possibilidade de casar com ele mesmo a contragosto do pai, além de ameaçar enclausurar-se num convento caso o seu intento não fosse alcançado.

Como já tivemos a ocasião de observar, durante boa parte de seu relacionamento amoroso com Joaquim, Emilia sofria com o fato de seu pai não aceitar o noivo por ela escolhido. Desse modo, a troca de correspondência com Joaquim sem a anuência de Pedro Amâncio pode ser vista como o primeiro desafio de Emilia às normas que regulavam as práticas amorosas naquele contexto.

Nesse sentido, apesar de ter sido exímia conhecedora das normas sociais vigentes em sua época, Emilia correspondeu-se com Joaquim, comprometeu-se com ele e firmou um noivado sem que seu pai soubesse. Durante cinco anos, mesmo sem manter nenhum contato físico, ela empenhou-se em viabilizar a efetivação do seu compromisso matrimonial com Joaquim. Assim, o primeiro desafio dela foi convencer o pai, como dissemos anteriormente, homem rígido em relação aos costumes do período, a aceitar Joaquim como seu noivo.

Para alcançar esse objetivo, Emilia empreendeu a tática de solicitar a Joaquim que escrevesse cartas para seus irmãos, a fim de que eles os ajudassem na tentativa de convencer o pai dela a aceitar o relacionamento dos dois. Um ano após a troca de correspondências, Emilia percebeu que a possibilidade de efetivar o seu casamento com Joaquim estava ameaçada, pois, apesar da interferência dos irmãos no sentido de construir uma imagem de Joaquim como bom partido para Emilia, o pai dela permanecia intransigente. Essa situação fazia com que o relacionamento amoroso entre o casal continuasse um martírio.

Dessa forma, expressando indignação e revolta, Emilia criou um novo ardil, ameaçando enclausurar-se num convento caso o seu pai não lhe desse a permissão que tanto almejava: “E, logo que atinja a maioridade, me recolherei a um convento, ou a qualquer instituição de Caridade, uma vez que não encontrei felicidade no seio de minha família. A moça deve pensar assim, embora chamem de louca.” (FONTES, 1948: 133). Nesse caso, entendemos que para as mulheres que se mostravam insatisfeitas com as normas sociais,

possivelmente, a clausura religiosa se tornava uma alternativa ao controle social exercido sobre elas.

A ameaça que Emilia fez de se enclausurar num convento caso seu pai não consentisse seu casamento, não se concretizou. No entanto, resignada com a sua situação, admitiu ao seu noivo Joaquim que se não casasse com quem ela tinha escolhido “nenhum outro homem haveria de ser seu esposo.” (FONTES, 1948: 121).

Apesar de receber galanteios de outros rapazes, Emilia confessou a Joaquim que a sua palavra era governada por seu coração e mesmo distantes um do outro, ela o tinha escolhido para ser seu futuro esposo e continuou a lutar, buscando alternativas para conseguir casar-se com Joaquim e o advertiu: “daqui por diante, vou incomodar todo mundo, abalarei céus e terras para conseguir o consentimento desejado.” (FONTES, 1948: 142).

Para alcançar o tão almejado consentimento do pai, Emilia escreveu para aqueles que podiam ajudar na campanha mais difícil de sua vida. Dentre as tantas cartas enviadas para amigos e parentes, destacamos a que ela escreveu para seu padrinho suplicando que intervisse em seu favor. Para sensibilizá-lo sobre sua situação, nos trechos da carta ela justificou o motivo da escolha de Joaquim como seu futuro marido:

Nada mais natural do que uma criatura que não é nenhuma princesa, querer aceitar como marido a um moço pobre, é verdade, mas de boa família, inteligentíssimo, de muito caráter e cuja formatura deve aos seus próprios esforços. Vmcê, que é meu Padrinho, abençoe-me; intervenha em meu favor perante meu Pai e peça assiduamente a Deus pela paz, pela ventura de sua afilhada que tem sofrido tanta injustiça de um destino cruel e que é sua amiga sincera. (FONTES, 1948: 148-149).

Emilia escreveu nova carta, dessa vez endereçada ao Padre Olegário⁴, compadre e amigo de Pedro Amâncio, solicitando ajuda na difícil empreitada de convencê-lo a aprovar e abençoar a união dela com Joaquim. Admirável foi o conselho dado pelo padre a Emilia: em sua opinião, o casal (Joaquim e Emilia) deveria desobedecer a Pedro Amâncio, caso ele continuasse se opondo ao enlace dos dois.

Outro recurso utilizado por Emilia, para chamar a atenção do pai acerca da seriedade do seu relacionamento com Joaquim, foi o de tirar a própria vida caso seu casamento não

⁴ Pseudônimo dado por Emilia ao padre Olimpio Campos.

acontecesse: “penso que uma vez que não posso satisfazer ao meu coração, cumprindo digna e prazerosamente a minha palavra, devo sacrificar-me, morrer.” (FONTES, 1948: 220).

Para fazer valer a sua vontade de casar-se apenas com quem ela escolhesse livremente (Joaquim), apesar de qualquer objeção do pai, a última tentativa de Emilia no sentido de convencê-lo foi criar uma farsa com a ajuda de sua madrastra, Lélia. A farsa se iniciaria no quarto de Pedro Amâncio, onde a madrastra teria que acordar assustada depois de um sonho com a mãe de Emilia:

à noite, você, Lélia, acorde muito assustada a meu Pai, e se possível, mostre-lhe que estava sonhando com minha Mãe e com o Dr. Petronílio (amigo íntimo da família, já falecido) e que, aquela chorando copiosamente, pedia à Lélia para dizer a meu Pai que queria que ele me desse o consentimento pedido, em nome de Deus e da memória dela. (FONTES, 1948: 370).

Após várias tentativas mal sucedidas para conseguir o consentimento do pai para a realização das bodas com Joaquim, Emilia escreveu novamente ao Padre Olegário e informou-lhe que iria agir. Em um desabafo longo, ela revelou todos os infortúnios pelos quais passou desde que iniciou seu romance com o bacharel:

*Há quase cinco anos que o meu desventurado coração, em angústias contínuas, arquitetou planos, os mais plausíveis, os mais ponderados para a realização de seu sonho procurando proceder sempre corretamente, para não se prestar a ato que o seu critério e o seu caráter sempre repugnaram...
E, desgraçadamente, parece-me, que se Deus não me socorrer, serei forçada a isto que me avilta...
Vmcê, meu preclaro Amigo, sabe como dignamente tenho lutado, quão humildemente tenho pedido auxílio de meio mundo, apenas para não proceder contra minhas ideias e sentimentos.
E infelizmente, tudo em vão, tudo uma pura perda!...
Por um dever de lealdade a Vmcê, Cônego Olegário, que foi tão bom e generoso para mim, cumpro o dever de comunicar-lhe que vou agir. (FONTES, 1948: 372-373).*

Depois de comunicar ao Cônego a sua decisão, Emilia escreveu ao seu noivo informando sobre o teor daquela sua decisão. Ao relatar a Joaquim que seu espírito estava cansado e desiludido, ela deixou claro que estava disposta a casar-se com ele mesmo sem o consentimento e a benção do seu pai. Na carta, ela solicitou que Joaquim viesse à Aracaju para efetivar o matrimônio. Nessa ocasião, Joaquim se encontrava no interior de São Paulo onde atuava como promotor público.

Nessa mesma carta, Emilia pediu a Lélia, sua madrasta, para avisar a Pedro Amâncio sobre a decisão que tomou de casar-se com Joaquim, mesmo sem o consentimento dele. Alguns dias depois, inesperadamente, Pedro Amâncio mandou chamar Emilia, pediu perdão a ela e prometeu que mandaria efetuar o casamento assim que melhorasse de saúde.

O casamento de Emilia e Joaquim foi celebrado primeiramente no civil e depois no religioso. O sacramento foi realizado pelo amigo da família, o Cônego Olegário, em fevereiro de 1895, na própria casa do pai de Emilia, como era do desejo dela.

Em suma, com toda a astúcia que teve para criar situações que pudessem beneficiá-la no sentido de conseguir a aprovação do pai para casar-se, Emilia passou a se apresentar não só como uma vítima passiva das injustiças do pai, mas também, como alguém que, ativamente, planejou e desenvolveu táticas para tentar contrariar as ações de poder que controlavam o espaço social em que vivia.

Ao vivenciar a experiência de um conturbado relacionamento amoroso não aprovado pelas convenções sociais de fins do século XIX, Emilia deu mostras de que antes de se opor e resistir às regras, denunciando o seu caráter discricionário e opressor, era necessário conhecê-las profundamente.

Dessa forma, como tivemos a ocasião de observar, Emília, por conhecer as normas sociais que dominavam as práticas amorosas teve condições de, astuciosamente, manipulá-las e controlá-las, utilizando-as a seu favor.

Assim, Emília batalhou pelo sucesso da sua união com Joaquim. Ela manteve o seu noivado durante cinco anos, sem levar em conta a condição social pouco destacada de Joaquim, aventou a possibilidade de casar com ele mesmo a contragosto do pai, além de ameaçar enclausurar-se num convento ou cometer suicídio caso o seu intento não fosse alcançado. Solicitou ainda ajuda dos irmãos e amigos para convencer o pai a aceitar o seu relacionamento com Joaquim, desprezando os possíveis posicionamentos de reprovação da sociedade aracajuana perante essas suas novas posturas.

Portanto, ao utilizar-se daquelas táticas, Emilia contrariou o ideal de filha submissa ao pai e o de sujeito temente às normas sociais, como até então se apresentava. A efetivação do casamento de Emilia e Joaquim, resultante das operações de oposição e desafio às regras por ela acionadas, pode ser considerada como um vestígio de transformação do comportamento da

sociedade aracajuana no que diz respeito às convenções que controlavam as práticas amorosas nos finais dos oitocentos.

Considerações finais

Nessa pesquisa analisamos as práticas amorosas em Sergipe no século XIX partindo da experiência do casal Emilia e Joaquim Fontes, que legaram nas cartas editadas na obra *Luz na tormenta* (1948) a história de amor vivida pelos dois, que se iniciou em dez de maio de 1890 e só teve fim em 20 de fevereiro de 1895, com a realização do matrimônio.

A partir da análise das cartas editadas em *Luz na tormenta*, compreendemos como as regras socioculturais controlavam as práticas amorosas no Brasil do século XIX e demonstramos as impressões construídas pela sociedade brasileira desse século acerca das normas que regulamentavam essas práticas. Ainda percebemos o comportamento feminino diante das regras socioculturais que controlavam as práticas amorosas no Brasil no século XIX.

Verificamos que as práticas amorosas dos segmentos sociais mais abastados no século XIX no Brasil, que ainda vivem sob os resquícios do sistema patriarcalista e foram controladas, sobretudo pela família. Nessa perspectiva, como tivemos a oportunidade de demonstrar, a sergipana Emilia Fontes teve boa parte de sua vida governada pelas forças de um poder patriarcal. Orientada pelos preceitos morais rígidos de sua época, ela vivenciou um conturbado relacionamento amoroso com o bacharel em Direito Joaquim Fontes, que durou cinco anos. Durante esse período, a figura de Pedro Amâncio, pai de Emilia, demonstrou a força de um sistema patriarcal que ainda pairava na consciência da sociedade aracajuana do século XIX.

O relacionamento amoroso de Emilia e Joaquim, que seguia um ideal de amor romântico, foi constantemente ameaçado, com a reprovação de Pedro Amâncio, que não aceitava o pretendente escolhido pela filha. No entanto, desafiando as convenções sociais, Emilia se opôs e resistiu às regras que orientavam as práticas amorosas de sua época. Empregou procedimentos que favoreceram seu relacionamento amoroso com Joaquim. Apesar de, inicialmente, se apresentar como uma vítima dos preceitos morais, Emilia emergiu

como uma protagonista que planejou e desenvolveu táticas para contestar as estratégias dos que controlavam o rígido contexto moral no qual estava inserida.

Dessa forma, mesmo conhecendo as normas que regulamentavam as práticas amorosas de sua época, como, por exemplo: a influência do pai na escolha do futuro marido, Emilia, astuciosamente, manipulou e controlou as regras em seu benefício lutando pelo sucesso da sua união com Joaquim, mantendo o seu noivado durante cinco anos. Nesse período, ela manteve a palavra de casar-se com Joaquim, mesmo diante da forte oposição de seu pai. Para isso, utilizou artifícios como a ameaça de se enclausurar num convento ou de suicidar-se caso não conseguisse realizar o seu casamento. Pediu ainda ajuda dos irmãos e amigos na tentativa de convencer seu pai a aceitar o relacionamento dela com Joaquim. Tudo isso sem se importar com os possíveis posicionamentos de reprovação da sociedade aracajuana perante essas suas novas condutas.

Nesse sentido, utilizando-se daquelas táticas, Emilia contrariou o ideal de filha submissa ao pai e o de sujeito obediente às normas sociais, como até então se apresentava. A realização de seu casamento com Joaquim foi resultado de suas oposições e desafios às regras. Desse modo, podemos considerar esses comportamentos de Emilia diante da situação em que se encontrava a aversão de seu pai ao matrimônio dela com Joaquim, como um vestígio de mudança no comportamento da sociedade aracajuana acerca das normas que orientavam as práticas amorosas no final do século XIX.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, Pierre. Estruturas, habitus e práticas. In: _____. **Esboço de uma teoria Prática:** precedido de três estudos de etnologia Cabila. Oieras, Celta, 2002. Cap. 3. p. 163-184.
- CERTEAU, Michel de. **Fazer com:** usos e táticas. In: _____. **A Invenção do Cotidiano:** artes de fazer. Petrópolis: Vozes. 1994. cap. 3, p. 91-106.
- DEL PRIORE, Mary. **História do Amor no Brasil.** 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- ELIAS, Norbert. **Introdução a Sociologia.** Lisboa: Edições 70, 2005.
- FONTES, Emilia. **Luz nas Tormentas.** São Paulo: São Paulo, 1948.
- GAY, Peter. **A Experiência Burguesa. Da Rainha Vitória a Freud:** A Educação dos Sentidos. São Paulo: Companhia das Letras, 1984.
- LEITE, Rogério Proença. *A Inversão do cotidiano: Práticas e Rupturas na vida Urbana Contemporânea.* DADOS: **Revista de Ciências Sociais,** Rio de Janeiro, v 53, nº 3, p. 737-756, 2010.
- PAIS, José Machado. **Nas rotas do cotidiano.** In: _____. **Sociologia da Vida Quotidiana:** teorias, métodos e estudos de caso. 3 ed. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais. 2007.



PERROT, M. Figuras e Papéis. História da Vida Privada. v. 4: da Revolução Francesa a Primeira Guerra/ sob dir. de Michelle Perrot (et al); tradução de Denise Bottman, partes 1 e 2; Bernardo Joffily, partes 3 e 4. São Paulo: Cia da Letras, 1991.